

AMOR: UMA INFLEXÃO FEMININA

Resenha de:

ZALCBERG, Malvine. *Amor paixão feminina*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Campus/Elsevier, 203 páginas.

*Ana Vicentini de Azevedo**

Freud alertou-nos certa vez sobre o maior enigma com o qual se confronta a humanidade – a diferença entre os sexos. Em seu livro, *Amor paixão feminina* (Editora Campus/Elsevier) Malvine Zalcborg deixa-se confrontar por este grande enigma, com a tranqüilidade e a delicadeza advindas de sua sólida trajetória de estudo das teorizações de Freud e de Lacan, bem como de sua extensa prática clínica. Esta preciosa conjugação alia-se a uma erudição que lhe permite transitar desde os clássicos, como Dante e a *Bíblia*, até escritores contemporâneos, cuja riqueza poética ainda permanece conhecida somente por especialistas da área, como é o caso de Marcos Siscar: “o silêncio é o sofrimento da palavra, quando a poesia do silêncio lhe é roubada”.

Além da literatura, Malvine Zalcborg percorre uma tradição cinematográfica plural -- desde as mais conhecidas produções de Hollywood, até os filmes ditos *cult* são objeto de comentários e análises --, sempre com o cuidado de não *aplicar* a teoria psicanalítica a essas manifestações artísticas, mas, sim, de tecer um diálogo entre as formulações da teoria com a literatura e o cinema, mostrando-nos suas *implicações*.

Com o esmero de uma artífice, Malvine tece sua teia ao redor do enigma da diferença sexual com um fio precioso, igualmente enigmático: o amor. Lacan dizia que só se pode confrontar um enigma com um outro enigma. Assim sendo, para trazer-nos a discussão,

* Psicanalista, membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, Seção São Paulo e de Après-Coup Psychoanalytic Association (EUA), professora da Universidade Federal de São Carlos (SP).

sempre atual, acerca da diferença entre os sexos, a autora elege a intrincada via do amor, objeto de inquietação e fascínio de poetas e artistas, desde os tempos míticos, como também um freqüentador assíduo dos nossos divãs hoje.

A grande poeta grega, Safo (VII a.C.), por exemplo, apresentou-nos a amor, o divino Eros, como um “tecelão de mitos”, ou seja, um artesão de histórias, de fábulas, de redes de encontros e desencontros: “Eros doce-amargo”, um agudo paradoxo criado pela poeta para resumir o amor, em um outro fragmento.

Em um tempo bem mais tardio na história, no século XIX, o compositor francês, Georges Bizet, apresenta a fogosa personagem Carmen, que também, de maneira aguçada, define o amor como um pássaro rebelde, fugidio e capaz de múltiplas peripécias e intrigas:

Carmen

L'amour est enfant de Bohême,
que nul ne peut apprivoiser,
et c'est bien en vain qu'on l'appelle,
s'il lui convient de refuser!
Rien n'y fait, menace ou prière,
l'un parle bien, l'autre se tait;
et c'est l'autre que je préfère,
il n'a rien dit, mais il me plaît.

Choeur des cigarières et jeunes gens

L'amour est un oiseau rebelle
que nul ne peut apprivoiser,
et c'est bien en vain qu'on l'appelle,
s'il lui convient de refuser!

Carmen

L'amour est enfant de Bohême,
il n'a jamais, jamais connu de loi,
si tu ne m'aimes pas, je t'aime,

si je t'aime, prends garde à toi! ...

É notável como em dois momentos e lugares tão distintos da história da cultura temos traços comuns ressaltados sobre a natureza de Eros: ele escapa à lei dos homens, a seus caprichos e vontades e, sobretudo, é contraditório. “como é que pude me apaixonar por um tipo como esse?” Com que frequência ouvimos esse pergunta em nossa clínica!

Além da rebelde, inapreensível natureza do amor, há um outro traço digno de nota, nos exemplos acima, que vem ao encontro do fecundo trabalho de Malvine Zalcberg: as definições de amor, ou melhor, as tentativas de lhe dar contornos, de compreendê-lo surgem fundamentalmente a partir de mulheres – Safo, Carmen, por exemplo. Por quê o amor parece ser, de maneira tão marcante, um “assunto de mulheres”? Podemos dizer que essa indagação, de senso comum, constitui um pilar central do livro *Amor paixão feminina*, como já anuncia o próprio título.

O desenvolvimento que lhe imprime Zalcberg, porém, nos leva a caminhos bem mais intrincados do que supõe o senso comum. A partir de Freud, em particular, a partir da idéia freudiana que a mulher se esguia da castração pela via do amor e o homem pela via do sexo, somos convidados a entrar nos meandros das diferenças entre mulher e feminilidade, ou ainda, entre mulher e mãe, pelo viés clínico da estrutura histórica. “(...) A sexualidade não está lá onde acreditamos, apenas no espaço do enlaçamento amoroso, mas de fato, (...) a sexualidade transborda a relação sexual, alojando-se no campo do sintoma”, somos assim advertidos desde as primeiras páginas do livro.

De fato, pensar o amor em sua conjugação com o feminino -- este sendo um outro aspecto que porta o traço de enigma para a psicanálise -- é algo que só pode ser feito pelo viés relacional, ou seja, pela via da diferença, da diferença que marca a ordem simbólica. Trazendo também as contribuições de Lacan, Zalcberg convoca (no duplo sentido) o homem a

comparecer tanto como marco diferencial quanto como uma *posição* através da qual a mulher encontra três matizes de inscrição na ordem do sexual: ser o falo do homem, ser o objeto causa de seu desejo ou, por último, ser seu sintoma. Note-se que nenhuma destas vias será fonte de satisfação, de completude do ser. A autora sublinha, ao longo de toda sua reflexão, a marca inexorável do *falta-a-ser* que caracteriza o humano, e que lhe propõe e, na maior parte das vezes, lhe impõe alternativas (sempre parciais) de resolução.

Em sua vertiginosa sabedoria, os gregos identificaram Eros como uma divindade múltipla. Freud e Lacan, por sua vez, souberam ouvir, reter e elaborar teoricamente essa multiplicidade. Na obra de Malvine Zalcberg, há um especial cuidado em sublinhar essa multiplicidade através de conceitos do campo analítico. Nesse sentido, uma atenção especial é dada pela autora para a posição do amor entre o desejo e o gozo, sempre tendo no horizonte a diferença sexual. Na oscilação desse movimento pendular, há a balança da palavra, como nos traz de maneira notável a rica reflexão da autora. “Pela mediação do amor é possível para um homem e uma mulher que não falam a mesma língua e que pertencem a duas lógicas distintas viverem juntos”, nos diz ela ao final do livro, e propõe, junto com o conhecido poeta, que o amor possa ser visto como a “*arte do encontro enquanto desacordo*” (meu grifo).

A partir dessa idéia de Zalcberg e para finalizar (de forma paradoxal, como convém quando se trata do domínio de Eros), gostaria de abrir uma porta de indagação. Destaquei antes como Eros é um “tecelão de mitos”, ou seja, um artífice de fábulas, de histórias, em suma, um artífice da palavra. Assim sendo, será que não poderíamos também pensar o amor, especialmente entre seres marcados pela falta-a-ser, como um *desencontro acordado*, ou seja, um (des) encontro entre seres acordados, despertos, advertidos e que, por isso mesmo, podem também construir e suportar os tropeços e as trapaças da linguagem que tece os vínculos amorosos, em um acordo singular com a palavra? Esses são alguns dos múltiplos e ricos caminhos que o trabalho de Malvine Zalcberg traz para a psicanálise e para

Ana Vicentini de Azevedo

seu ofício: sejamos amadores; ou melhor, flexionando essa posição após a leitura de *Amor paixão feminina*, sejamos amadoras!

**LOVE: A FEMALE INFLECTION,
REVIEW OF *LOVE PASSION FEMALE***

**L'AMOUR: UNE INFLEXION FÉMININ,
COMPTE-RENDU DE *AMOUR PASSION FÉMININ***

Recebido em 03/01/2010

Aprovado em 05/05/2010

© 2010 *Psicanálise & Barroco em revista*
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura/CNPq – UFJF.
www.psicanaliseebarroco.pro.br
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.
Memória, Subjetividade e Criação.
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista